

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

maio - agosto de 2017

número 23

ISSN: 2176-5960

NOTA DE PESQUISA: GÓRGIAS DE LEONTINOS: FILÓSOFO, RETOR, POLÍTICO E SUA RETÓRICA DO *KOSMOS* SOCIAL

Marcus Resende
Mestrando em Filosofia – UFS
Orientador: Aldo Dinucci

O Objetivo da pesquisa que suscita este artigo é identificar a função primordial da retórica de Górgias. O princípio gerador do tema deu-se na busca do entendimento do que seja a persuasão gorgiana, em um trabalho de interpretação do seu texto *O Elogio de Helena*, sob a supervisão de meu orientador Aldo Dinucci. Durante as leituras deparei-me com a seguinte hipótese: a retórica de Górgias é diferente da retórica de Protágoras e dos demais sofistas? O interesse por essa hipótese justifica-se pelo fato de não ser possível aprofundar a compreensão sobre a persuasão sem tratar especificamente da retórica, que é o recurso maior de comunicação usado pelo sofista nas assembleias. Além disso, na busca de situar Górgias dentro da sofística, tenho identificado diferenças significativas entre ele e os demais sofistas, apesar da insistência de Platão de que são muito parecidos, inclusive no tocante à retórica.

As leituras preliminares têm apontado para algumas descobertas: a) os comentadores que se ocupam com a sofística quase sempre estão mais preocupados em fazer uma abordagem histórica do movimento do que um trabalho de entendimento filosófico dos personagens que fazem este movimento, os sofistas; b) Untersteiner (Paulus, São Paulo, 2012), que propõe uma interpretação filosófica da obra dos sofistas, dedica poucas linhas à retórica de Górgias, que ele chama de Retórica como “psicagogia”; c) a

literatura que se dedica às obras dos sofistas dedica mais espaço à Protágoras e sua problemática do relativismo; d) só recentemente, até onde eu saiba, está sendo impresso no Brasil uma obra dedicada aos textos de Górgias, o livro *Górgias de Leontinos*, de Aldo Dinucci (Oficina do Livro Editora, São Paulo, 2017). Diante desse quadro nos encontramos no desafio de encontrarmos evidências para uma hipótese inquietante, que não nos permite aceitar facilmente que a persuasão seja a última instância da arte retórica gorgiana.

As minhas pesquisas iniciais sugerem um caminho menos ortodoxo na abordagem da problemática sofística. O que chamo de menos ortodoxo significa que devemos começar o resgate histórico e filosófico deste movimento a partir do século XIX, quando Hegel reintroduz a sofística dentro da história da filosofia. Em sua interpretação do homem que é a medida de todas as coisas, de Protágoras, Hegel entende que o foco da filosofia sofística é a vida humana e que o homem é o sujeito em geral. A obra *Filosofia dos Sofistas* (Paulus, São Paulo, 2017), uma coletânea de artigos de Hegel, Capizzi, Versényi e Sidgwick, dois autores do século XIX e dois da primeira metade do século XX, serve como ponto de partida e referência da discussão sobre a sofística que, até então, estava nas gavetas de assuntos proibidos na história da filosofia. A partir de Hegel então faremos um retorno ao século V a.C.

Certamente o século V a.C. marcou a filosofia da Grécia com o surgimento de pensadores que determinaram uma mudança na maneira de fazer filosofia. Para estes, falar das coisas da natureza deixando o homem fora dessa reflexão já não mais interessava. Para a sofística, a verdade não está na natureza, mas no homem que a interpreta. As questões relativas à moral e à organização das cidades também assumem um papel importante. A partir dos sofistas, a verdade sai da natureza da realidade e sua relação com fenômenos sensíveis para uma perspectiva prática que leva em conta o bem comum da vida em sociedade. Esse rompimento já se evidencia em Protágoras, o primeiro dos Sofistas, que afirma ser o homem a medida de todas as coisas e a questão sobre a existência dos deuses, irrespondível.

O movimento sofista não foi bem aceito por muitos que o viam como uma ameaça real a uma filosofia que busca verdades absolutas, como as de Platão e Aristóteles. Platão foi um dos maiores críticos da sofística, mas a sua dedicação à refutação do pensamento

sofista denuncia a importância que esse movimento teve no mundo grego. Não há dúvidas de que Platão e Aristóteles deixaram um legado de negação da sofística como um legítimo movimento filosófico. Esse legado foi assumido por seus seguidores através dos séculos, e talvez isso explique a quase inexistência de textos ou obras de muitos dos pensadores sofistas. Esse quadro se torna mais agudo com o advento do cristianismo que, influenciado pelo platonismo, colocou os sofistas como inimigos da verdadeira fé, destruidores da verdade cristã. O sofista tornou-se, portanto, um relativista que não merecia ser necessariamente reconhecido como filósofo ou levado a sério.

Durante séculos a sofística vem sendo interpretada sob um prisma obscuro e preconceituoso. Seus representantes foram considerados, por Platão e Aristóteles, inimigos da filosofia e seus escritos desapareceram. A história da filosofia, dentro desse contexto obscuro, tem tido uma abordagem conservadora de dividir a filosofia grega entre pré-socráticos e os clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles. Perdeu-se, assim, um importante elo para a compreensão do movimento filosófico grego exatamente no momento em que a filosofia saía de uma esfera abstracionista e metafísica para uma prática reflexiva centrada no homem. Essa certamente foi a grande contribuição de Hegel ao reintroduzir os sofistas na história da filosofia, percebendo que o problema filosófico da sofística era o homem. A sofística propõe uma filosofia prática que reflete sobre a vida do homem dentro da polis em oposição a uma filosofia contemplativa da natureza.

Mas o nosso objeto de estudo aqui não é a sofística com todos os seus desdobramentos. Limitamo-nos à pesquisa do filósofo Górgias de Leontinos dentro desse complexo contexto. Como podemos situar Górgias dentro da sofística?

Górgias de Leontinos é um dos pensadores sofistas mais instigantes da filosofia antiga, considerado por alguns como o maior dos sofistas e criticado por outros pela sua técnica retórica com recursos de linguagem que primavam por um discurso persuasivo. A retórica de Górgias marcou sua contemporaneidade de tal maneira que ele foi considerado por muitos um orador por excelência, que exercia uma magia sobre seus ouvintes, persuadindo-os a seguir o seu raciocínio lógico instrumentalizado por um grego rico em figuras de linguagem.

Interessa-nos aqui identificar Górgias dentro de sua própria trajetória para evitarmos que mais uma vez ele seja visto como apenas um sofista que usou do poder de sua retórica

para seduzir as multidões e ficar rico. Górgias tem um papel importante dentro da sofística, e a sua trajetória e pensamento filosófico trazem aspectos bastante singulares. Há, por exemplo, uma considerável distância entre a verdade gorgiana e a verdade em Protágoras.

Aqui nos lançamos no desafio de separar o sofista Górgias de Leontinos dentro desse movimento. Entendemos que situar Górgias dentro da sofística como um pensador independente, assim como eram os sofistas, e reconhecer a tríade filósofo, retor e diplomata no mesmo personagem são fundamentais para a compreensão de sua filosofia.

No intento de compreender Górgias como filósofo, retor e político, e como essa tripla caracterização do mesmo personagem determinou a diferenciação de sua retórica em relação aos demais sofistas, as pesquisas iniciais apontam para algumas teses preliminares:

1) A verdade em Górgias de Leontinos é uma experiência única, que não se repete. É temporal, circunstancial, e nada se assemelha com o relativismo de Protágoras. Górgias exige uma decisão, um posicionamento, e para chegar a essa verdade o interlocutor precisa do encontro com o *kairós*, o momento oportuno, que também deve sempre ter em vista o objetivo maior: o *kosmos* social. Aqui temos o filósofo que propõe uma filosofia preocupada com o tema do homem vivendo suas experiências e tragédias dentro da *polis*.

2) A persuasão não é a última instância da retórica gorgiana. É o momento mágico do encantamento que conduz o interlocutor a descobrir que sua verdade prévia não passa de opinião (*doxa*). A partir da persuasão o interlocutor se vê na posição de encontrar sua própria verdade. A verdade, portanto, não é imposta ao interlocutor pela habilidade de sedução do retor, visto que o encontro com a *kairós* é uma experiência pessoal e intransferível. Aqui está o retor, cuja retórica prática tem a função de preparar o homem, através da persuasão, para o encontro consigo mesmo e com sua verdade.

3) A experiência pedagógica de Górgias tinha a missão de ensinar aos seus alunos e/ou interlocutores que fazer justiça é tomar decisões que sejam boas para a coletividade, a *polis*. Como professor de retórica, Górgias ensinava aos seus alunos a serem tomadores de decisão, a exercerem a justiça social assumindo posicionamentos nas assembleias e tribunais que tivessem o

compromisso de beneficiar a coletividade. Muitos dos seus alunos eram líderes políticos que pagavam vultosas quantias de dinheiro para que Górgias os preparasse, e a seus filhos, a arte da retórica. Estamos aqui diante do político e sua retórica do *kosmos* social.

E eis que, no garimpo inicial dos fragmentos que registram as primeiras impressões sobre a sofística e Górgias de Leontinos, me deparo com esse registro de Xenofonte:

Próxeno de Beócia queria, desde a adolescência, tornar-se um homem capaz de fazer coisas grandiosas; e, por causa desse seu desejo, deu dinheiro a Górgias de Leontinos. Tendo estudado com ele e julgando-se pronto para reger e por ser amigo dos mais poderosos para não ser menos que um benfeitor, lançou-se em ações militares com Ciro; pensou que com isso adquiriria um grande nome, grande poder e muitas riquezas. E embora desejasse essas coisas ardentemente, era sabido que o caso era o seguinte: que ele não desejaria obter nenhuma dessas coisas com injustiça. Antes, pensava que devia havê-las com justiça e correção. Ele era capaz de reger os bons e os justos; contudo, era incapaz de inculcar em seus soldados medo ou respeito por si. De fato, ele tinha mais vergonha de seus soldados do que seu regimento tinha dele, e era evidente que ele tinha mais medo de ser detestado pelos soldados do que os soldados tinham de lhe desobedecer. Pensava que, para ser e parecer capaz de comandar, bastava elogiar quem agisse corretamente. Justamente por isso, os bons e os justos entre seus associados eram bem dispostos a ele, mas os injustos conspiravam contra ele, como se ele fosse maleável. Quando ele <Ciro> morreu, tinha 30 anos. (Xenofonte, *Anábase* 2.6.16-20 (> DK A 5)¹)

¹ Tradução de Luís Márcio Fontes, no livro *Górgias de Leontinos*, p. 185-186 (Dinucci, 2017 – no prelo).